



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social

Sub-Eixo: Ênfase em Adolescência

## AS MUDANÇAS DE VIDA PARA OS ADOLESCENTES DE TRIUNFO POTIGUAR-RN APÓS SUA INSERÇÃO NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS – SCFV

Francisca Fabiana Batista Monteiro<sup>1</sup>  
Hérvila Gabriela Tavares de Medeiros<sup>2</sup>  
Magally de Araújo Vieira Melo<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo principal identificar as mudanças vivenciadas pelos adolescentes diante de uma realidade perversa, enfrentada por esse segmento, perante as fragilidades humanas, postas ao sistema socio-econômico-político, uma vez que o adolescente encontra-se em fase de mudanças e para tanto precisa ter uma base familiar fortalecida, que possa influenciar nas decisões tomadas, além de identificar como essas mudanças são aceitas de acordo com o ponto de vista desses adolescentes. Para tanto, esta pesquisa terá caráter qualitativo, cujos dados coletados através da aplicação de um questionário servirão de referência para a consolidação desta pesquisa embasada em uma legislação própria da área pesquisada, além de teóricos como Acosta (2014) e Rizzini (2006), que tratam muito bem sobre a questão familiar e suas experiências.  
**Palavras-Chave:** Mudanças. Adolescentes. Convivência. Fortalecimento. Vínculos.

**Abstract:** The main objective of this study is to identify the changes experienced by adolescents in the face of a frightening reality faced by this segment, given the human frailties placed in the socioeconomic-political system, since the adolescent is in the process of change And for that it needs to have a structured family base that can influence the decisions made, as well as to identify how these changes are seen according to the point of view of these adolescents. To do so, this research will have a qualitative character, whose data collected through the application of a questionnaire will serve as reference for the consolidation of this research based on a specific legislation of the researched area, as well as theoreticians such as Acosta (2014) and Rizzini (2006). They deal very well on the family issue and their experiences.

**Keywords:** Changes. Adolescents. Living together. Fortification. Linking.

### 1 Introdução:

Com o intuito de falar sobre políticas públicas de assistência social e sua interface com a adolescência, eis que surge esta pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, cujo instrumento para coleta de dados foi a aplicação de um questionário, além de artigos que tratam sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

---

<sup>1</sup>Profissional de Serviço Social, Secretaria Municipal de Assistência Social de Triunfo Potiguar/RN, E-mail: fabianafab@hotmail.com.

<sup>2</sup> Profissional de Serviço Social, Secretaria Municipal de Assistência Social de Triunfo Potiguar/RN, E-mail: fabianafab@hotmail.com.

<sup>3</sup> Profissional de Serviço Social, Secretaria Municipal de Assistência Social de Triunfo Potiguar/RN, E-mail: fabianafab@hotmail.com.

Ao adentrar e vivenciar os ensinamentos cotidianos oferecidos através do SCFV, o adolescente passa a perceber as transformações no modo de pensar e agir desse segmento, que participam de grupos sociais, cujos pensamentos estão voltados ao desenvolvimento do protagonismo juvenil que se ouve falar tanto nos dias atuais, é um chamamento do adolescente para participar das tomadas de decisões de seu próprio meio.

A luz de teóricos como Acosta (2014) e Rizzini (2006) buscar-se-á desenvolver esta pesquisa, também baseada em nossa consolidada legislação, para assim tornar possível atingir o objetivo geral que é identificar as mudanças vivenciadas pelos adolescentes diante de uma realidade perversa, enfrentada por esse segmento, perante as fragilidades humanas, postas ao sistema socio-econômico-político no qual estamos inseridos.

Pensando nisso, este trabalho será dividido em três capítulos, onde no primeiro capítulo traz uma breve fundamentação sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), enquanto política pública de prevenção às fragilidades sociais.

No segundo capítulo, discorre sobre a realidade social versus as mudanças de vida e qual é o perfil de nossos adolescentes na atualidade. E por se tratar de um universo bastante complexo encontram-se diferentes situações envolvendo adolescentes.

Já na terceira parte deste trabalho, descortina-se um fragmento considerável da realidade pesquisada. Neste capítulo, as informações coletadas in lócus foram apreciadas e decorridas como uma forma de mostrar como encontra-se a realidade atual, o que o adolescente enfrenta, mas principalmente, quais as suas perspectivas, seus sonhos, seus ensinamentos e aprendizados. É aqui, onde a pesquisa ganha a roupagem de como o adolescente Triunfense, assistido pelo SCFV, percebe-se sujeito de um processo emancipatório, que envolve situações conflituosas e das quais muitas vezes requer tomadas de decisões imediatistas.

## **2 Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos: uma política pública preventiva**

A atual sociedade brasileira vivencia momentos conflituosos, dentre eles, a vulnerabilidade social pela qual passam os nossos adolescentes. Segundo documentos de orientações técnicas (BRASIL, 2010, p.17) "(...) a vulnerabilidade está constituída por fatores biológicos, políticos, culturais, sociais, econômicos e pela dificuldade de acesso a direitos que atuam isolada ou sinergicamente sobre as possibilidades de enfrentamento de situações adversas".

Diante desse cenário, o Governo Federal lança políticas públicas de base por meio de programas para buscar solucionar os problemas e garantir os direitos adquiridos. Dentre

essa gama de possibilidades, eis que surge, em 1996, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), que tem como principal objetivo retirar crianças e adolescentes menores de 16 anos do trabalho precoce, exceto na condição de aprendiz, a partir de 14 anos, bem como assegurar transferência direta de renda às famílias, como é o caso do Programa Bolsa-Família, vinculado ao Cadastro Único, oferecendo a inclusão das crianças e dos jovens em serviços de orientação e acompanhamento, como também, a exigência de que essas crianças e adolescentes fossem matriculadas nas escolas e tivessem frequentando, regularmente à escola.

Para isso, o Governo Federal lançou o Projeto Presença do Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) que compartilham informações inerentes à vida do escolar.

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é composto por diversos serviços, de Proteção Social Básica e Proteção Social Especial, dentre esses serviços merece destaque o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) que atende a uma demanda com faixa etária de 0 a 60 anos ou mais.

Esse programa abrange um público diverso entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, no entanto, esta pesquisa colherá dados dos adolescentes, público-alvo deste trabalho acadêmico, com faixa etária de 12 a 18 anos de idade, os quais suas preocupações estão atreladas ao investimento em diferentes formas de expressão, a criação de espaços participativos e que oportunizem aquisições compatíveis com a política pública de assistência social, deixando de ter caráter vinculado a reforço escolar e práticas de atividades esportivas e passe a desenvolver outros serviços.

De acordo com a legislação que rege a Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2004, p.17),

(...) a vulnerabilidade constitui-se em situações, ou ainda em identidades, que concorrem para a exclusão social dos sujeitos. Essas situações originam-se no processo de produção e reprodução de desigualdades sociais, nos processos discriminatórios, segregacionais engendrados em construções socio-históricas e em dificuldades de acesso às políticas públicas.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) trata-se de um serviço realizado com grupos, organizado de modo a prevenir as situações de vulnerabilidade e ou/risco social, ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertencimento e de identidade, fortalecer vínculos e incentivar a socialização e a convivência comunitária. De acordo com a Resolução CNAS nº 1/2013, em seu Art. 2º:

O SCFV é um serviço de proteção social básica realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e risco social.

Além de seu caráter preventivo, visa à proteção dos direitos, bem como o desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada indivíduo em situação de risco social. Ainda na Resolução CNAS nº 1/2013:

Art. 3º Considera-se em situação prioritária para inclusão no SCFV, as crianças, adolescentes e pessoas idosas: I - em situação de isolamento; II - trabalho infantil; III - vivência de violência e, ou negligência; IV - fora da escola ou com defasagem escolar superior a 2 (dois) anos; V - em situação de acolhimento; VI - em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto; VII - egressos de medidas socioeducativas; VIII - situação de abuso e/ ou exploração sexual; IX - com medidas de proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA; X - crianças e adolescentes em situação de rua; Legislação – Resolução Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) - 3 XI - vulnerabilidade que diz respeito às pessoas com deficiência.

Mesmo assim, não existem mecanismos que garantam em sua totalidade o sucesso do serviço. Um fator que pode ser destacado aqui, diz respeito à capacidade de atendimento dos indivíduos em situações configuradas como de vulnerabilidade social e que são marginalizados, porque a política do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos possui limitações no atendimento aos indivíduos, isto é, o município dispõe de um público “X” de adolescentes em risco social. No entanto, a oferta de atendimento da demanda é abaixo da necessidade real, porque a demanda depende de um percentual populacional (per capita).

O apoio aos municípios chega através de repasses de recursos financeiros da União, de forma trimestral, em contas específicas, que serão gerenciadas pelos Ordenadores de despesas do Fundo Municipal de Assistência Social (FMAS) que deve ser o gestor municipal e o secretário responsável pela Secretaria Municipal de Assistência Social.

O SCFV é ofertado em sede própria, situado a Rua João Campos Ribeiro, 49 no Bairro Centro, atendendo duzentos e vinte crianças e adolescentes e, no entanto, pode funcionar, também nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), que é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social, sendo responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do SUAS nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios e Distrito Federal. Os usuários podem chegar ao CRAS por demanda espontânea, busca ativa, encaminhamento da rede socioassistencial ou encaminhamento das demais políticas públicas e de órgãos do Sistema de Garantia de Direitos.

**3 Realidade Social Versus Mudanças de Vida: qual o perfil de nossos adolescentes?**

Falar sobre mudanças de vida e meio social, é adentrar em um universo complexo. E quando esse olhar retrata a vida dos adolescentes torna-se uma missão muito árdua que requer explorar convívios social, familiar e individual.

Em meio a uma sociedade capitalista, cujos avanços tecnológicos ganham espaços a cada dia, tentar acompanhar esses avanços se torna uma utopia na vida de muitos jovens. De um lado temos um mundo fascinante da oferta de sonhos e, do outro lado nos deparamos com uma realidade contraditória que chega muitas vezes a anular sonhos, onde as famílias vivem em situações precárias, sem contar com o sucateamento da educação, da saúde, a banalização das drogas, a violência urbana, enfim, a ausência das condições mínimas de vida.

Vendo por este panorama e conhecendo a realidade nos dias atuais, torna-se utópico tal determinação, ou seja, vivemos em um país, cuja impunidade é uma de suas marcas mais fortes, as leis sofrem constantes emendas, os interesses não chegam, satisfatoriamente aos indivíduos, e como se não bastasse, a cada novo dia surgem novas histórias marcadas por discriminação, violência, violação de direitos, etc.

Em uma guerra de conflitos, onde os adolescentes se encontram entre o fogo cruzado, onde a sociedade retrata um perfil ideal de constituição familiar, porém a realidade perpassa totalmente aleatória a esse perfil, onde os direitos são violados e os amparos legais caminham a curtos passos.

Dentro dos referenciais sociais e culturais de nossa época e de nossa sociedade, cada família terá uma versão de sua história, a qual dá significado à experiência vivida. Ou seja, trabalhar com famílias requer a abertura para uma escuta, a fim de localizar os pontos de vulnerabilidade, mas também os recursos disponíveis (ACOSTA & VITALE, 2014, p.37).

Não que os fatores externos como as drogas, a violência, a discriminação, a vulnerabilidade sejam problemas da sociedade contemporânea, pois estudos mostram que o risco social está presente na história da humanidade desde as primeiras formações da civilização.

O empobrecimento da família impõe mudanças significativas na organização familiar, criando novos desafios e dificuldades para o exercício de suas funções primordiais de proteção, de pertencimento, de construção de afetos, de educação, de socialização (BAPTISTA *apud* ACOSTA & VITALE, 2014, p.77).

É importante destacar também que, hoje, o tempo reservado à convivência familiar é bem mais escasso, seja pela maior jornada de trabalho em razão das

necessidades econômicas, seja por solicitação de atividades externas exercidas, individualmente ou com grupos extrafamiliares.

Os novos referenciais legislativos enfatizam a responsabilidade da família e o direito da criança a permanecer em seu contexto familiar e comunitário: 'Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substitutiva, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambientes livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes' (ECA, 1990, Artigo 19 *apud* REZZINI, 2006, p.32).

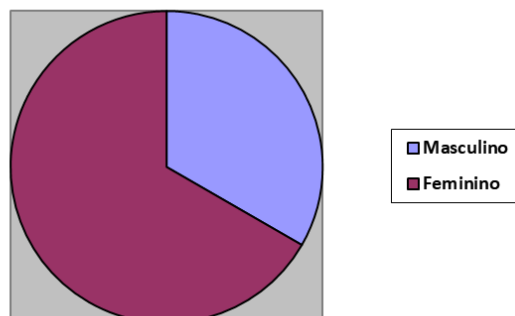
Sendo assim, como não se inquietar diante de uma realidade dicotômica, onde a lei prevê e garante direitos e a realidade se transfigura de forma oposta ao previsto em lei.

#### 4 O desafio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

Existem inúmeros desafios que circundam o universo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), mas não se pode enumerá-los, é preciso, urgentemente, lançar mão do individualismo e aliar-se aos demais atores sociais a fim de tentar modificar o cenário que se desbrava aos nossos olhos. Cenário esse que, aponta claramente a fragilidade das famílias, o descaso no cumprimento das leis, o abandono de alguns serviços públicos, a decadência de políticas públicas, a ineficiência de serviços ofertados à população como saúde, segurança e educação.

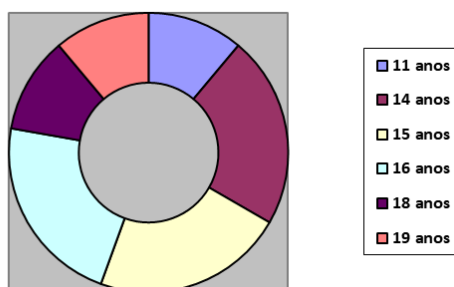
Para termos uma ideia de como funciona o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no município de Triunfo Potiguar-RN, aplicamos um questionário com 09 (nove) sujeitos, aos quais chamaremos de usuários/as e os/as identificaremos com a letra "C" seguida de um número como uma forma de manter em sigilo e proteger os sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

##### 4.1 Sexo



Ao analisarmos este gráfico, percebemos que o questionário foi respondido por mais usuários/as do sexo “Feminino” do que do sexo “Masculino”, onde 06 (seis) usuários/as eram mulheres e 03 (três) eram homens. O número de usuárias foi o dobro.

#### 4.2 Faixa etária



Por meio do gráfico acima, fica claramente constatado que os/as usuários/as possuem idades diferentes. Sendo 01 (uma) criança de 11 anos, 02 (dois) adolescentes de 14 anos, 02 (dois) adolescentes de 15 anos, 02 (dois) adolescentes de 16 anos, 01 (um) adolescente de 18 anos e 01 (um) jovem de 19 anos. Esta diferença de idade pode até parecer insignificante, mas demonstra que apesar dos/os usuários/as pertencerem a um perfil de indivíduos, eles encontram-se em fases diferentes de maturação.

Quando perguntados/as acerca de “Qual a perspectiva de mudança de vida ao entrar no SCVF?” os/as usuários/as assim responderam:

C1 – Aprendo melhor a conviver com as pessoas, ter um desenvolvimento melhor de minha ética, compreender melhor e saber o respeito entre as pessoas.

C2 – Eu espero que mude muita coisa na minha relação no dia-a-dia com as pessoas, aprender mais e mais, aprender também novas atividades, desenvolver minha leitura.

C3 – Mudar o comportamento, a minha casa, melhorar de personalidade e conhecer pessoas e se divertir.

C4 – Adquirir novos conhecimentos, participar das atividades e cada vez mais fazer novas amizades.

C5 – Aprender mais com os professores e as aulas, conhecer amigos e poder ter uma vida melhor tanto na sociedade como uma vida de respeito, ação e ideias que serão levadas do serviço, ou seja, tudo o que aprender vou usar para o bem.

C6 – Ao entrar no SCVF, minha perspectiva era adquirir bastante conhecimento, me divertir, participar das atividades, fazer novas amizades e etc.

C7 – Minha perspectiva era conhecer pessoas novas, e conheci, era ser uma pessoa mais feliz e aprender coisas novas etc.

C8 – Achava que iria conhecer pessoas novas, aprender coisas novas, iria ser uma família, que eu me tornaria uma pessoa mais amorosa e feliz.

C9 – Eu esperava que mudasse meu comportamento, pois era sozinho e não tinha amigos, mas agora tenho.

Por meio da análise das respostas desta primeira pergunta “Qual a sua perspectiva de mudança de vida ao entrar no SCFV?”, percebemos nitidamente que os/as usuários/as tinham como perspectivas: APRENDER coisas novas, CONHECER novas pessoas, de MELHORAR seu comportamento, de MUDAR sua personalidade para melhor. Além disso, percebem-se situações de conflitos sociais de inter-relacionamentos.

A segunda pergunta indagava o seguinte: “Quais motivos levaram você a participar do SCFV?”:

C1 – Pra “mim” conhecer bem, minha mãe me incentivou a participar, para que eu tivesse um desenvolvimento melhor, já que eu era uma pessoa muito tímida, ela me disse que iria melhorar.

C2 – Um motivo era para brincar, porque em casa ficava deitado sem fazer nada, aí decidi vim e hoje já é outra coisa fico brincando com meus amigos.

C3 – Minha mãe, a psicóloga e o conselho tutelar me disseram que era muito bom, tinha lazer e era divertido. Eu tenho problemas, sou especial e não tinha ninguém para brincar e aí minha mãe “mim” colocou no SCFV.

C4 – Porque eu achava interessante, quando as pessoas me falavam da parte recreativa, capoeira, dança, passeios, entre outros, aquilo seria bom para mim, porque nunca participei desses programas, aí resolvi entrar, fiz novas amizades e gosto muito mesmo.

C5 – Desejo de aprender, conhecer novas ideias, novos amigos e novas perspectivas de vida.

C6 – Iniciativa da minha mãe que decidiu me escrever no SCFV e influência das minhas primas e amigos que diziam que era bastante legal.

C7 – A influência dos meus amigos, e porque tinha curiosidade de saber o que acontecia no SCFV.

C8 – Bom, resolvi entrar através de alguns colegas e também tinha a curiosidade de conhecer, e afinal conheci e estou adorando.

C9 – Minha mãe me colocou no SCFV porque eu quis vim.

Em meio às respostas coletadas nesta segunda pergunta o primeiro motivo foi à influência de terceiros, o segundo foi à oportunidade de brincar, aí vem a recreação, a aprendizagem, a timidez, e mais ainda, por curiosidade em conhecer, em saber como funciona, por motivo de lazer, teve até quem destacasse a capoeira e a dança como atrativos, umas das atividades trabalhadas como eixo do SCFV. Mas para Rizzini (2006, p.128), “(...) diante da complexidade e multiplicidade do fenômeno, não há modelos ou respostas únicas e sim um amplo campo de possíveis medidas a serem tentadas”.

Na terceira pergunta foi questionado sobre a convivência familiar dos usuários/as e eles/as responderam:



C1 – Muito boa, sempre fui uma pessoa que admiro muito respeito, e se eu gosto de respeito, eu também tenho respeito.

C2 – Fico ajudando na casa como botar comida para os animais, fazer os serviços de mãe, como buscar isso e aquilo para ela para ajudar em casa.

C3 – Às vezes é muito boa a convivência com a minha família e às vezes é muito ruim, mas é porque eu sou muito rebelde.

C4 – É razoável, pois tem desentendimentos entre nós, algumas confusões, “mais” sempre dá tudo certo.

C5 – Bem, pois não sou trabalhoso, sei como a vida é, como os princípios da vida são e tudo que faço é para ter respeito, humildade e moral.

C6 – Minha família é muito grande, complicada, às vezes desunida, porém somos seres diferentes, com personalidades diferentes, mas apesar disso tudo, somos felizes do nosso jeito. Me dou bem com quase todos da família, procuro a união de todos para podermos ser felizes com as diferenças.

C7 – Bom, é boa e ao mesmo tempo não, porque, tipo assim, eu moro com meu pai e minha mãe e tenho um irmão, “mais” ele mora com meu avô.

C8 – Bom, temos alguns altos e baixos, temos brigas, gritos. “Mais” agora estamos indo bem, estamos mais próximos.

C9 – Boa, eu respeito minha mãe e tenho uma boa relação com meus irmãos.

Quando o assunto são relações interpessoais, é impossível não existir conflitos, mesmo diante de relações saudáveis, porque o conflito faz parte de nossa cultura, mas diante das respostas prestadas pelos colaboradores percebemos que apesar das situações conflituosas, ainda existe respeito, seguido de bons sentimentos que equilibram as relações, principalmente, as proximais.

A questão quatro faz uma sondagem acerca do que mais marcou a vida do/a usuário/a levando em consideração o período em que está participando do SCFV:

C1 – Com certeza, ter começado a participar da capoeira, se não fosse o serviço eu não teria conhecido a capoeira como eu conheço hoje.

C2 – Participar da capoeira viajando para eventos é muito bom.

C3 – A convivência com os amigos e as brincadeiras que eu gosto demais e também o que mais marcou foi a aula de música.

C4 – Os momentos bons ao lado dos meus amigos, as brincadeiras, todos os momentos de descontração, abraços, tudo foi muito especial para mim.

C5 – Os amigos, as aulas, os professores, as palestras, os ensinamentos e tudo mais que eu aprendi.

C6 – Sempre fui uma menina tímida e quieta com sonhos que pretendia realizar, porém esses sonhos estavam presos dentro de casa. Ao entrar no SCFV, me libertei e percebi que ao dançar, ao atuar alguma peça, eu me sentia livre. Portanto, esses momentos dançando e me apresentando marcou minha vida, como o auto do Natal, a dança me libertou.

C7 – As viagens, quer dizer os passeios, as pessoas daqui são muito legais e todos os momentos que passo aqui são muito especiais.

C8 – O que me marcou foram às brincadeiras, as descontrações, os passeios e as rodas de conversa.

C9 – A música, nunca tinha tocado flauta e aqui eu aprendi.

Nesta penúltima pergunta, é facilmente notória a satisfação dos/as usuários/as por coisas tão simples como dançar, brincar, aprender capoeira, fazer amigos, tocar flauta, os passeios, que nos fazem tão bem e que fica muito bem evidenciado aqui nesta questão. Segundo Rizzini (2006, p.128), “(...) É preciso que exista um leque de ações que garantam a continuidade do atendimento àqueles que necessitem, sempre levando em consideração o contexto de vida da criança/adolescente e seus elos familiares e comunitários”.

A quinta e última questão pergunta: “Quais seus sonhos para quando sair do SCFV?”. As expectativas dos/as usuários/as foram as que seguem:

C1 – Não sei ainda, mas quero procurar a ter uma vida melhor. É claro, levando o conhecimento que recebi aqui.

C2 – Ser um professor de capoeira e mostrar um pouco da nossa cultura e fazer capoeira para crescer mais e mais.

C3 – Eu progredi na vida e também apresento um comportamento melhor, além de levar tudo o que aprendi.

C4 – Crescer na vida e me tornar uma marinha.

C5 – Levar os ensinamentos para os filhos, netos e toda minha família.

C6 – Meus sonhos de criança que carrego até hoje: ser dançarina e atriz e meus sonhos de adolescente: ser psicóloga, pois me apaixonei perdidamente pela psicologia e com esse sonho quero ajudar a outras pessoas, e não irei desistir até realizá-los.

C7 – Ser alguém na vida, tipo ter um emprego e ser motivo de muito orgulho para os meus pais.

C8 – Ser uma pessoa mais conhecida através do meu trabalho, pois quero ser uma grande médica.

C9 – Tocar na fanfarra da minha escola e tocar meu instrumento favorito: a zabumba.

Apesar de cada um retratar fatos distintos, ambos fizeram relações com outras partes da pesquisa, atreladas ao seu cotidiano e suas perspectivas. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é uma porta de acesso a novas oportunidades, podendo oferecer muito mais do que políticas públicas, ofertar cultura arraigada de princípios e valores que estão cada vez mais dispersos, dos quais merece destaque o RESPEITO, tão bem situado na fala dos/as usuários/as em diversas passagens.

## 5 Considerações Finais:

Chegou o momento de mostrar os resultados, de constatar as hipóteses, de falar sobre o fim alcançado por meio desta pesquisa, que não parará aqui, porque ainda tem muito o que ser estudado, explorado, constatado. Mas que esta pesquisa, possa servir de fundamentação para outras pesquisas, que possa ser instrumento de inquietação para outros pesquisadores.

Diante do que se foi dito, estudado, analisado, foi evidenciado, claramente no terceiro capítulo, que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos possibilita mudanças na vida de seus beneficiários, crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade e risco social, que passam a participarem de grupos sociais e têm a oportunidade de se perceber sujeitos desse processo de construção social, que possui espaços onde eles podem protagonizar suas experiências e lutarem por dias melhores, que aprendem a caminhar, mas que também ensinam muitas lições, que podem até carregarem marcas profundas de sofrimento, mas que acima de tudo, encontram no SCFV a porta de acesso para uma vida melhor, com mais oportunidades.

Mas, sabe-se que para se alcançar tudo isso, o serviço precisa contar com agentes engajados e comprometidos em assumirem seus papéis e buscarem incansavelmente as peças que compõem este grande quebra-cabeça que é a vida. Mais precisamente, que em alguma medida a vida do outro depende de mim, enquanto agente mediador de todo este processo, que não é fácil, pelo contrário, é tão árduo quanto à missão de educar.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller (orgs.). Família: redes, laços e políticas públicas. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**: Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009. DOU 25 de nov. de 2009. Brasília: CNAS/MDS, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações técnicas sobre o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos**: prioridade para crianças e adolescentes integrantes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Brasília: DPSE/SNAS/MDS, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília: MDS, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social. **Resolução nº 1, de 21 de fevereiro de 2013**. Brasília: CNAS/MDS, 2009.

RIZZINI, Irene (coord.). Acolhendo crianças e adolescentes: experiências de promoção do direito à convivência familiar e comunitária no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.